


PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 3 de Novembro de 1979 \* Ano XXXVI — N.º 930 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## O NOSSO JORNAL

«Gostava que soubesse que na Empresa onde trabalho, os gaiatos que lá vão vender O GAIATO, têm em cada empregado um comprador. Pena é que nem todos leiam a sua doutrina.»

Vem de Lisboa este recado tão impregnado de amizade quanto de consciência da validade pedagógica da Obra, não apenas em relação aos Rapazes que acolhe sob seus tectos: como também extra-muros.

Vem ao encontro de uma pergunta que muitas vezes nos temos posto, sobretudo no que respeita à venda avulso do nosso jornal: Se todos que o compram o fazem em razão do interesse pelo seu conteúdo, ou alguns, com a intenção de ajudar a subsistência desta grande Família.

Pois é certo que o jornal representa um forte contributo para as receitas necessárias. Mas de bom grado prescindiríamos de parte deste apoio em favor da verdade ambicionada de que cada exemplar corresponda a um ou mais leitores efectivos. Cremos que sim. Sabemos de numerosas casas onde as quatro páginas são saboreadas por quantos

nelas moram, com pena do manjar ser tão frugal. Julgamos, com fundamento, que o número de leitores é múltiplo do que exprime cada tiragem. É incontroversa perante tantos ecos aí chegados, a penetração profunda na alma de uma multidão de leitores. Sofremos com pesar a quebra que o retorno maciço do Ultramar provocou; e saudamos jubilosos o paulatino regresso de muitos ao convívio do Famoso.

A meta dos cinquenta milhares já atingida e agora retrogradada de cerca de 12.000, permanece um objectivo a conquistar. Porém, só na medida em que cada jornal signifique um leitor. O resto é desperdício de papel, ainda que largamente compensado pela generosidade dos que dão do seu bolso em troca de... menos o seu olhar.

A assinantes que nos confessam comprar O GAIATO aos vendedores que lhes aparecem, para os estimular — compreendendo embora a eficácia do seu gesto e a amizade que ele importa — nós temos aconselhado que não façam tal, a não ser que haja destino útil a dar ao segundo

## MALANJE

Por  
P.e Telmo

● *Tinha sido um Natal pobre em brinquedos caros: algumas bolas, barcos de plástico e poucos automóveis de fraca categoria. Ficava bastante triste pensando que durante o dia apareceriam na nossa Aldeia as famílias amigas com os filhos — estes munidos dos mais lindos brinquedos. Recordo-me que estive um lindo dia e, logo de manhã, os meus gaiatos começaram a preparar a frota de carros por eles construídos e que há semanas estavam guardados no capim. Camionetas de todas as marcas, tractores, plataformas e monta-cargas... um barão a puxar e um molejamento impecável! Molas de fitas de aço.*

*Reagindo como as pessoas grandes, tinha ficado confuso e apreensivo, receando o contraste entre os meus e os filhos — donos de carrinhos caros.*

*Sucedeu o imprevisto:  
Os meninos da cidade abandonaram os seus brinquedos e brincaram toda a tarde com os*

*puxados a cordel. E os nossos tiveram um dia feliz. Senhores em sua casa e donos das suas criações.*

*O mundo feliz das crianças! Quando não pomos barreiras.*

*Se cada um de nós acordasse a criança que dorme dentro de si... montasse no seu triciclo e, ao lado delas, fosse descobrir as estrelas, o sol e os ninhos!!!*

● *A meio da encosta, debruçados sobre o vale, as casas e igreja da Missão abandonada. Levaram as portas e janelas... Os buracos dos vãos apontam sem rumo. Nos cantos da igreja há chichis. Tudo ficou parado e mudo num pasmo que o tempo ultrapassa.*

*Os cristãos começaram a reunir-se debaixo duma mulembeira. Igreja não é «casas de cal». O chão de terra batida é testemunha da nova seivã, deste renascer. Um coração novo palpita.*

ou terceiro exemplar possuído, por exemplo, deixá-lo em consultórios ou outros lugares de acesso público onde a presença do jornal pode ocasionar um conhecimento que atraia ao hábito da sua leitura novos interessados. Quantos dos nossos assinantes, de longa ou recente data, têm vindo por este meio à nossa convivência!

E aos próprios Rapazes vendedores nos esforçamos por mentalizar acerca da dignidade da sua missão. Eles são portadores de uma mensagem. Oferecem ressonâncias actuais da Boa-Nova. São visitantes quinzenais, amorosamente esperados por muita gente. Não vão pedir; vão compartilhar. Têm ordem de, delicada mas decididamente, rejeitar importâncias de quem não quer o jornal. Dão-no pelo que lhes derem. Ainda agora que o preço de capa foi actualizado para 5\$00, os vendedores trazem notícia de que muitas pessoas continuam dando os 2\$50 que eram até há pouco. E eles não discutem. A generosidade da maioria supre e os acréscimos atingem como dantes um valor bastante significativo.

O que dizemos da venda, dizemo-lo das assinaturas. Há quem ainda as liquide pelos trinta, quarenta ou cinquenta escudos de há muitos anos. Uns porque não podem mais;

## AQUI, LISBOA!

«A Pessoa Idosa tem direito à existência económica» (Declaração dos Direitos das Pessoas Idosas).

Foi há oito dias. Uma senhora de idade, aí entre os 65 e 75 anos, veio depositar nas nossas mãos pecadoras a importância da sua primeira pensão: 2.250\$00.

Momentos como estes são de profunda meditação para nós e revestem-se sempre de matizes de religiosidade. Já não é a primeira vez, aliás, que se não fora o respeito pela liberdade e pelas intenções dos interlocutores, teríamos sido firmes na rejeição de ofertas similares.

O donativo acima apontado, referido a 1974 e tendo em conta estudos recentes da Banca, equivalerá ao poder de compra de um vencimento bruto de 700 a 750\$00 mensais, quantia de miséria, inconcebível em termos de justiça social. Situações destas, porém, multiplicam-se aos milhares por esse País fora, ante a passividade dos Poderes Públicos, para já não falar dos casos em que não há lugar a qualquer reforma ou pensão, nomeadamente nos meios rurais, sempre esquecidos ou colocados na cauda das atenções e cuidados de quem governa.

Os velhos e os doentes ou diminuídos são um «pesado» estorvo ao tipo de sociedade em que vivemos. O egoísmo das pessoas, a sua ânsia de prazer e a rejeição do espírito de sacrifício por parte de muitos são notas dominantes nos tempos que correm. A falta de respeito pela pessoa humana atinge as raízes do inconcebível e, enquanto os progressos da técnica e da ciência vão avançando, parece retroceder a atenção pelos fracos e pelos mais desprotegidos.

Diz-se que ao Estado compete a primeira responsabilidade no âmbito do social. Sem dúvida. Mas não basta afirmar-se um dever, é preciso exercê-lo no concreto e facilitar às entidades privadas, nomeadamente aos samaritanos que se propõem ainda socorrer os Irmãos caídos à beira do caminho, os meios indispensáveis para que todo o homem receba os cuidados e os carinhos a que, por ser homem, tem direito, independentemente da idade, do sexo, da raça ou da religião.



O Ricardito tem mais três irmãos sob as nossas telhas. Feliz! Ele lá sabe porquê: seria mais um condenado ao sub-mundo da Rua...

Cont. na 3.ª pág.

Cont. na 4.ª pág.



# PELAS CASAS DO GAIATO

## Miranda do Corvo

O pulsar enérgico, activo, na comunidade que lança à vida a semente fecunda que frutifica hoje como amanhã.

O ritmo solene da colheita em que participamos. Possuímos a causa e depois da utilização de um meio, apreciamos o efeito.

No âmbito da realização agrícola dedicamos mil cuidados e preocupações a uma natureza que, naturalmente, não produz aquilo que o Homem, honestamente, ambiciona.

O hino que a Natureza entoava é por nós martelado e lubrificado pelo suor que confiadamente escorre e arde, gota atrás de gota. Temos fé num ulterior momento em que se manifestará a resposta: ou para a nossa resignação paciente ou para a alegria jubilosa.

Em germen, contemos a força necessária e suficiente que, sendo conscientes, orientaremos para que o seu desenvolvimento revitalizador actue sobre este mundo em decrepitação, que cada vez mais se enodoa com insignificâncias mesquinhas e por isso perigosas, bastante desinteressantes até, mas que acabam por se impôr perante a maioria passiva que de

rabinho recolhido vai sobrevivendo assim e assado. É arrepiante, porque factual, a inexistência de responsabilidade e a existência de tanta semi-racionalidade.

Continuamente, continuamos a meter o pé na poça. Grita-se por tudo e por nada. Quer-se fazer tudo e nada se faz, isto é, faz-se a negação daquilo que inicialmente se tinha previsto, positiva mas precipitadamente.

É o que na vulgaridade quotidiana se identifica com situação caótica.

Cá em Casa andámos com vontade para levar a cabo a tarefa que, nada mais nada menos, consistiu em arrumar a vida vivida em férias, para reiniciarmos com o novo ano escolar. Quando surge, no espaço e no tempo, este período, já temos recolhidos nos respectivos «coleiros», as nossas colheitas. Colhemos na nossa vida Pão e Amor que é e será o dia-a-dia de cada um e de todos.

Tivemos uma, férias ricas: descansámos e trabalhámos. Folgou-se à beira-mar e além disso fizemos o nosso passeio habitual.

Sáimos todos em tractores, carrinhas, carros e carretas e o percurso foi corrido ansiosamente, na expectativa da aproximação do local onde as verduras de ramagens debruçadas

sobre as águas serenas, nos convidaram à festa.

Fomos com muita alegria, com os nossos Amigos e com... dois leitões-zinhos!

Depois, viemos e continuámos o dia de sol. Atirámo-nos ao campo e às oficinas, cada um para o seu lugar.

De mato roçado e dejeções dos nossos animais para curtir está a estrumeira cheia e que para a próxima lavra será um adubo natural e fertilizante nas nossas terras. É sempre com muita força que um grupo de roçadores parte para os pinhais. O mato é essencial para a cama de gados, como bois e vacas, por exemplo.

Adquirimos uma maquinaria para a prática da extracção do leite das nossas vacas. A princípio, infernal; mas elas (as vacas) lá acabaram por reconsiderar e resolveram, para benefício delas e nosso, habituar-se à ordenha mecânica. Com certeza elas tinham as suas razões para preferirem o manuseamento irregular mas humano, das suas tetas, ao contacto da borracha de sorvos com intervalos compassados e cadência perfeitamente matemática, mas tudo demasiado mecanizado para os seus gostos ariscos.

Era uma vez uma (ainda no capítulo das vacas) que decidia deixá-los sem leite, talvez por causa não sei de quê; era uma vez outra que, reparando que já tinha dado quase um balde de leite, lembra-se de topar um momento de possível regozijo e consequente distração do rapaz que a mugia e, sorradeira ou em rapidez, já está, alça a pata e mergulha-a na baldada.

Se não conseguia um destes requintados e luxuosos banhos para uma das suas patas, pelo menos sempre se regalava porque conseguia uma desastrosa (para nós) pontapata ou pontapatada no balde, privando-nos do seu miminho bidiário. Além de tudo isto e de mais alguma coisa, há que ter em conta o rabo comprido que a vaca se esforça por manter em órbita, acabando por enxotar a mosca ao «mugidor». Hoje todos estes precalços estão ultrapassados. A vaca é encerrada como que numa jaula e a máquina alivia muitas arreliações. Da máquina até faz parte um recipiente que recebe o leite, recipiente esse herméticamente fechado (por causa do vácuo necessário para o funcionamento ideal de todo o aparelho mecânico mas...) que evita o derramamento de qualquer gotícula do líquido que entrou. Está uma vez mais confirmada a tão superior racionalidade humana... Este instinto de dominar e domar...

Nos palheiros estão super-instalados os feixes de palha do nosso milho.

No fim de tantos trabalhos, por etapas que a sua cultura exige, não pode deixar de ser satisfação, sabermos recolhidos (das irregularidades da atmosfera) nas arcas e tu-lhas, 4.017 kg contados, de grãos-zinhos, uns doirados e outros platinosos.

Em salas, antes como que desocupadas e em sótãos, estão estendidas as maçãs que abundantemente retirámos das nossas árvores frutíferas. Esperamos que se conservem! Pelo

menos até termos oportunidade de lhes dedicarmos apetitosa atenção. Há muito que não sabemos o que é passar sem sobremesa. Seja a fruta cozida, assada, frita ou por cozinhar. Um fruto sabe sempre bem. E quando um fruto não é parasitado... Chegámos a não dar razão a tantas maçãs que caíam das árvores e enchiam os tabuleiros das nossas casas da fruta. Rejeitámos as podres e servimos aos nossos animais as mais miudinhas e subnutritivas.

Fizemos uma enorme vindima. As videiras de que cortámos as uvas, são as mesmas cepas do ano anterior. Mas o ano foi favorável.

Vindimámos, transportámos, esmagámos, prensámos e obtivemos muito sumo, depois vinho bruto, para a seguir se qualificar de potável.

Não de modo delambido, mas de qualquer modo, alambicadamente escorre do nosso alambique, tão bem como pelas gargantas dos apreciadores deste desinfectante, a aguardente, que, em certos momentos, atinge gradação abrasante.

Das nossas oliveiras poderemos vir a beneficiar muitos litros de azeite. Há bastante azeitona. Tem caído muita. Queremos que nada se perca. Os mais pequenitos irão começar, com os seus canecos, com a sua rebeldia, com a sua paz e com a sua alegria, uma ocupação que acabará por os enfastiar. Apanhar azeitona aqui e acolá, e para mais agora que o frio começa a apertar, é algo que nada tem a ver com imaginações, mas sim, verdadeiramente real e duro. Só para valentes.

Colhemos na nossa vida Pão e Amor que é e será o dia-a-dia de cada um e de todos: nós e os que vierem a nós e por nós.

Benjamim

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

No início de cada ano lectivo temo-nos preocupado com o material escolar de alguns alunos pobres das Escolas Primárias.

Nós sabemos como a Escola sobrecarrega os orçamentos domésticos — particularmente nesta época de desenfreada inflação — quanto mais o precaríssimo orçamento dos Pobres!

Não compreendemos, porém, como, oficialmente, quase se abandona a prestação de auxílios desta ordem às crianças do verdadeiro Ensino Básico, algo discriminadas em relação a outros graus de Ensino.

Agora, tendo nós insistido, junto dos professores, por uma mais rigorosa selecção das necessidades, mesmo assim, só de um núcleo escolar temos de procurar aliviar as carências de catorze crianças pobres. É um indicador... E lá se foram uns contos de réis...!

PARTILHA — Hoje é uma *provisão* reduzida. Mas sempre rica de intenções e de generosidade.

São os Amigos de D. António Barroso com 150\$00. Uma «Velha Amiga» de Lisboa com 200\$00, «pedindo desculpa de ser tão pouco». E uns

pacotes de roupas que foram logo distribuídos.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

VISITANTES — O Verão acabou e ficaram-nos na lembrança as excursões de amigos nossos. Uns vieram como simples visitantes; outros vieram para partilhar connosco a sua alegria e o seu farnel.

Houve grupos que tiveram o nosso salão de espectáculos ao seu dispor e assim nos divertiram com a sua música e teatro. Mais importante que uma simples visita é o seu enquadramento na nossa vida, fazendo-nos esquecer um pouco o nosso passado tristonho, com a alegria dos seus espectáculos.

Um dos grupos que veio até nós, foi o dos filhos dos Trabalhadores da «Efacec». A organização do passeio quis que todos os nossos miúdos (alguns até já eram bem graúdos, devido aos mais pequenitos estarem na praia) partilhassem com eles o almoço, que constou de batata frita em pacote, ovos cozidos, sandes, bebidas, etc.

Depois foi a hora da diversão no nosso salão e o Conjunto lá esteve a dar participação integrante e a divertir o grupo das crianças.

No final houve um trabalhador que se abeirou do P.e Moura e lhe perguntou se podia deixar um donativo para ajuda das cordas de viola. «É que eu acho que os aparelhos também têm desgaste e nós não queremos ir embora sem deixar uma pequena retribuição.»

Gostamos sempre da vossa visita e oxalá tenham gostado de estar connosco este Verão.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL — Com o novo ano lectivo a funcionar, houve Rapazes que optaram pelas suas futuras artes.

A tipografia, com a ida de alguns para a tropa, ficou quase sem gente; mas, agora, com a vinda dos novos, o problema vai ficar mais ou menos remediado.

Que sejam bem-vindos todos quantos têm espírito de trabalho e paciência, porque a tipografia, mais propriamente a composição, requer muita paciência.

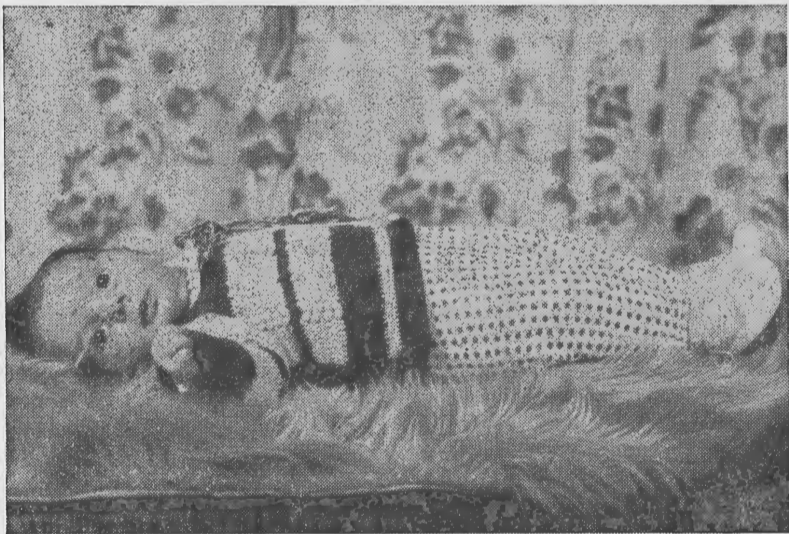
POMARES — A nossa fruta foi bastante mais do que a do ano transacto. Muita caiu ao chão com a chuva e o vento, mas já está aproveitada em doce.

Nas árvores ainda se encontra alguma que a seu tempo será colhida.

OBRAS — Vão ter início as obras da casa 3. Os Rapazes dessa casa foram já mudados para o salão da adega, onde permanecerão até ficarem prontas as obras da casa 4.

Se esta ficar como ficou a casa 4, será mais aconchegada e cómoda. Isto

## Netos da Obra da Rua



Alexandre Manuel, filho do Elisio, que foi da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.



Filhos do «Mineiro»: Paulo Jorge e Damiana Cristina.





# TRIBUNA DE COIMBRA

As mensagens que temos recebido em corações a arder e lágrimas de alegria e de dor a selarem os nossos louvores e os nossos apelos, levam-nos a um pequenino relato-desabafo.

A peregrinação internacional deste Outubro a Fátima foi dedicada às Mães. As Mulheres que procuram ser mães nas Aldeias S. O. S. de muitos países, reuniram-se e em Fátima fizeram a sua consagração de mães à Mãe do Céu. Foram horas ardentes de amor e fé, apesar de batidas pela chuva densa. O Senhor manifestou-se nas Suas Obras e a Senhora e Mãe deu muitos recados aos filhos.

A reitoria do Santuário convidou os Padres da Rua a tomarem à sua conta a mensagem da Palavra no tríduo preparatório. Disse-nos que testemunhásemos ao Povo de Deus a nossa vida. A nossa vida de aflição ao encontro dos pais, e, sobretudo, das mães, para que as famílias sejam santuários de filhos.

E, no altar da Basílica e aos micros da Rádio Renascença, procurámos apresentar facetas da nossa vida.

Na noite do dia 9, tivemos presentes as crianças sem direitos, neste ano internacional de comemorações dos Direitos da Criança. Que se vai fazer pela criança que ainda não tem direitos? Tantas crianças sem pais, ou sem pais competentes, à procura de vida e de amor! Tantas crianças deficientes sem o seu lugar! Tantas crianças doentes em longas bichas à espera!

Na noite do dia 10, gritámos por famílias sãs. A família e a

mãe na família, o grande elo que une a todos, o grande elo base duma sociedade feliz.

Na noite do dia 11, começámos por fazer a oração que o nosso Papa João Paulo II fez, há dias, na Irlanda: «Mãe protege-nos e particularmente à infância e juventude, da hostilidade e do ódio. Ensina-nos a distinguir claramente o que traz amor para o nosso país daquilo que vem com a marca da destruição e o selo de Caim».

Depois de rezarmos à Mãe do Céu, dirigimo-nos às mães da terra: Saudámos e louvámos as mães cujos maridos se ausentam ou peregrinam e elas ficam com os filhos pequeninos. Sacrificam-se e rezam para que os filhos sejam bons.

Saudámos e louvámos as mães que ainda têm lugar para mais filhos. Recordámos aquela mãe de três filhinhas que aceitou uma menina deficiente, cujos pais se destroçam: e a esta mãe, com seu marido, parece-lhes que querem mais a esta do que às filhas da carne e do sangue. De joelhos, que este casal é lugar sagrado!

Saudámos e louvámos as mães que reconhecem que os filhos sem pais têm os mesmos direitos que os seus próprios filhos e prometem horas para servir e confortar.

Saudámos e louvámos as mães viúvas, como aquela que há dias nos dizia que, quando os filhos se reuniam, a sua casa ficava cheia com a graça de Deus. A graça de Deus, a única que pode encher as nossas vidas.

implica muito cuidado dos seus moradores que devem tentar adquirir um gosto próprio para que a casa possa estar sempre limpinha. Mas, ainda é cedo para abordar este problema porque estamos à espera que comecem as obras.

CONVERSA — Outro dia, os mais velhos reuniram-se no bar com os nossos três padres, para fazermos um balanço da nossa vida do ano transacto e para tentarmos melhorá-la este ano.

Numa família tão numerosa como a nossa, torna-se urgente o cumprimento das normas da Obra, para um melhor clima entre todos nós.

Nós devemos abarcar as nossas responsabilidades, como mais velhos, e envidar todos os esforços para que a nossa vida, aqui, seja boa e alegre e não cheia de problemas mesquinhos que por vezes acontecem.

Vamos então, todos, a começar por mim que tenho falhado muito, ajudar os mais novos no cumprimento dos seus deveres, cumprindo-os também.

OUTONO — Nesta época nem tudo é tão triste como se diz e pensa.

As folhas ao caírem dão-nos nova esperança. A esperança de que outras folhas, novas e verdejantes vão crescer de novo, para cair outra vez.

As crianças vão para a Escola logo de manhãzinha, ao frio e à chuva. Dentro delas vai aquela certeza de que o futuro lhes pertence e que serão elas que futuramente terão de ajudar os pais quando estes envelhecerem.

As andorinhas juntam-se em bandos para partirem para novas terras, em busca de um clima propício.

Os grupos de homens e mulheres colhendo as uvas para fazer o vinho que servirá para completar as refeições durante mais um ano de trabalho.

É a alegria que está patente no rosto dos homens que, apesar da insegurança em que vivemos, vão fazendo por esquecer todos os problemas.

É a chuva que, quando cai, nos abraça, lembrando-nos que não nos esqueceu.

Outono é a certeza de melhores dias e tempo de meditação, de encontro com Deus,

«Marcelino»

Saudámos e louvámos as mães solteiras que aceitam os filhos. Recordámos aquela que tem 12, todos menores e que já veio tantas vezes trazer um dos filhos a nossa Casa, a ver se o salva! Que amor para exigir tanto sacrifício! Será o prazer? E as mães que aceitam os filhos contados? E as que deviam aceitar e criar filhos e não os querem? Não é prazer?

Saudámos e louvámos as mães de coração, mães que o são na humildade, na discreção, no escondimento: as mães das Casas do Gaiato; as mães das Aldeias S. O. S.; as mães de outras casas de crianças; as mães dos lares para a terceira idade; as mães religiosas que se consagram.

Saudámos também as mulheres prostitutas das nossas estradas e pedimos-lhes que não se deixem escravizar mais pelos homens que as procuram. Disse-mos-lhes que Deus criou e quer

a mulher para santuário — al-fobre de filhos.

Apelámos para todas as mulheres livres, com entranhas de mãe, que aceitem o maravilhoso dom de serem mães de coração, mães só por amor, mães de tantas crianças que andam à procura de mãe.

E o nosso Chiquito-Zé concretizou a nossa palavra, dirigindo-se ao Pai e à Mãe do Céu com esta oração:

«Senhor Deus, Pai do Céu, por Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe, peço-Te por todas as mães da terra. Não só pelas mães de sangue, como também pelas de coração. Pai do Céu e Mãe do Céu, há tantas crianças sem mãe! Eu sou uma dessas crianças. Minha mãe morreu quando eu tinha 4 anos. Pouco tempo depois morreu também o meu pai, debaixo dum comboio, perto de Paris, em França, onde era emigrante. Deixaram cinco filhos, dos quais eu sou o mais

novo. Ficámos todos com a nossa avó, pobre velhinha.

Algum tempo depois, a nossa avó pediu para meu irmão e eu sermos recebidos na Casa do Gaiato. Tenho 14 anos e sou estudante no 9.º ano.

Obrigado, Senhor, por Pai América e pelas Casas do Gaiato. Obrigado por outras Casas que recebem e procuram ser mães de tantas crianças órfãs e também abandonadas. Peço-Te, Senhor, por todas as mães que não têm amor aos filhos. Peço-Te por todas as mulheres que querem ser mães. Peço-Te ainda por todas as mulheres que podiam ser mães e não o querem ser. Há tantas crianças abandonadas à procura de mães!

Que todas as mulheres se tornem verdadeiras mães no amor de Deus Pai e no amor de Maria, nossa Mãe do Céu.»

Padre Horácio

## Livro «O CALVÁRIO»

● «Logo que me libertei dos meus hábitos normais, comecei a ler O CALVÁRIO. Quase o ia «devorando»; como, também, levei um safanão! Penso que outros o hão-de levar...»

● «Agradeço a remessa do livro porque, embora descrente, perante tanta desgraça que avassala o Mundo e tan-

ta miséria que se nos depara dia-a-dia — não se diga que é castigo, porque se Deus existe não pode ser um vingador nem um castigador — é sempre consoladora a sua leitura.

Admiro a Obra do Padre Américo, que conheci há muitos anos a quando de uma sua passagem por esta vila. Se todos os homens fossem huma-

nistas como ele era — que agradável seria viver!»

● «Sensibilizou-me a descrição de tanta miséria que bate à porta do Calvário.

Se todos compreendessem o grande valor do auxílio em favor do nosso Próximo, tão vilmente ultrajado por uma sociedade que só pensa em gozar os bens desta vida, sem reparar que a Eternidade pode estar bem à porta!

Muitos julgam que o principal é não fazer mal a ninguém. Mas esquecem-se do grande pecado de omissão de que enferma uma grande parte dos nossos cristãos.

Sou um simples escriturário com vencimentos mínimos, com responsabilidade de família, com alguns elementos doentes...»

## O NOSSO JORNAL

Cont. da 1.ª página

outros porque não advertiram que a galopada dos custos atingiu também — e de que maneira! — o sector gráfico. Não importa. A maioria ultrapassa os cem escudos por que contabilizamos cada assinatura. As contas são sempre positivas.

O GAIATO é um «negócio» espiritual. O seu lucro mede-se pelas consciências que inquietam, pelo diálogo interior que desencadeia (e os diálogos externos revelam), pela atenção que desperta para as injustiças e falhas de amor que roubam a uma sociedade inteira a paz e a alegria de viver... — enfim, por um espírito confiadamente penitencial que comunica e é recebido, graças a Deus!, por tantos, tantos... que nós queríamos fossem todos, tal qual o querer do correspondente que abre esta coluna.

Foi ontem numa rua do Porto. Alguém que não víamos, puxa-nos pelo braço e pedem-nos que O GAIATO seja ainda mais o arauto do valor abso-

luto da vida, temperando tónicamente com o optimismo da Esperança todos os relatos de injustiças, misérias, desgraças que necessariamente dá a conhecer nas suas páginas. Foi um grito de alma de quem, naturalmente, sofrerá as demasiadas interrogações em que a vida social é fértil, os horizontes que dia-a-dia parecem estreitar-se mais. Alguém que lê O GAIATO, que acredita na sua influência, que quer dele mais do que tem recebido... que puxa por nós. Que bem me fez aquele breve encontro! Foi uma chamada de atenção.

Eu julgo que o nosso jornal é mesmo um grande lugar da Esperança. Ele não denuncia a miséria senão para motivar à justiça e amor fraterno. E consegue-o. É ver como qualquer toque de alarme é correspondido na volta do correio. E o saber-se e insistir-se que, resolvido um caso, ficam muitos mais por resolver, não significa que tudo se espere de cada um, senão o dinamismo permanente do amor a manter alerta o sentido da justiça

que não pode esgotar-se com uma resposta, mas tem de considerar-se permanentemente mobilizado. Numa sociedade de homens assim, todos podem tudo. Todos, porém, é o samotório de cada um.

Com limitações, com muito ficar aquém do que queríamos, este é o projecto de O GAIATO, que não é um jornal monológico, feito a partir de dentro, mas, quase sempre, a partir de sugestões que o grande lugar de diálogo que ele é, nos oferece.

Por isso o seu preço essencial (quantas vezes o temos dito!) é ser lido. Jornal comprado para arrumar, não. Ainda que a intenção da ajuda seja recta, não traz em si a suficiente fecundidade que desejamos e ousamos esperar.

Padre Carlos



# AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª página

Não basta, porém, construir lares ou edifícios, mesmo que sofisticados em apetrechamento técnico e dispondo de muito pessoal. Mais do que isso, é preciso formar gente capaz de humanizar toda a assistência. Com recursos materiais mais parcos e com menos pessoas, se houver alma, poder-se-á suprir muita coisa e conseguir, objectivamente, resultados mais lisonjeiros. De resto, mesmo que custe a muita gente a afirmação, o mercenarismo vigora em muitos lados, gerando um clima gélido e traumatizante, por falta de dimensão humana e de empenhamento solícito.

De qualquer forma, antes de encarar problemas assistenciais, sempre mais onerosos e difíceis nas respostas, é indispensável criar condições de vida capazes, que evitem a necessidade de assistência formal. Esta deveria encontrar solução, aliás, sempre que possível, no seio da família, actuando o Estado e as Instituições em complementaridade, nos casos extremos.

Criar condições às famílias, defendê-las e apoiá-las, é, sem dúvida, o meio mais eficaz de resolver, de raiz, toda a vastidão de dificuldades existentes, mormente no plano das pessoas idosas e inválidas, que deveriam achar no ambiente familiar os recursos materiais, a atenção e os cuidados requeridos para os seus casos particulares. Isto, porém, só será viável, se a família funcionar em plenitude.

Citou-se que «a pessoa idosa tem direito à existência

económica». Mas a Declaração referida diz-nos, explicitando, que isso supõe três aspectos. Assim, em primeiro lugar, é indispensável «uma pensão de reforma que ultrapasse o mínimo vital e possibilite a participação na vida social e cultural». As pensões de reforma estão longe, porém, como no caso apontado, do «mínimo vital»; antes constituem pensões de «morte lenta», impeditivas de qualquer participação na vida social e cultural. O segundo pressuposto exigido é «uma habitação decente adaptada às necessidades da velhice». Ora, como todos sabemos, o problema habitacional continua a deteriorar-se e assume, cada vez mais, aspectos negativos. Sente-se grande número de jovens e de pessoas de todas as idades. A tendência, passe o exagero, é voltar-mos à idade das cavernas.

O terceiro requisito suposto diz respeito à «possibilidade de (a pessoa idosa) realizar um trabalho produtivo e de exercer uma actividade útil». Nada acrescentaremos por desnecessário.

Temos vindo todo o ano a falar da Criança e dos seus direitos. Ante o espectáculo dantesco que vemos e sentimos no que diz respeito às pessoas idosas (e doentes incuráveis) não podemos, todavia, calar-nos, tanto mais que as sentimos postergadas ou esquecidas. Há muitos irmãos que vêm com pânico o aproximar-se da velhice ou temem a chegada dum colapso ou dum acidente que os coloque, incapazes de se moverem, num leito. Falar dos direitos dos doentes ou dos idosos é, pois,

um imperativo categórico, procurando incutir ânimo e esperança nos que sofrem ou já atingiram a chamada terceira idade e alertar os homens, as famílias e políticos deste País para as necessidades de assumirem as suas responsabilidades. Ao contrário, iludindo ou

esquecendo as temáticas ou questões postas, estaremos a fomentar um mundo insupportável, autêntica selva, onde não haverá lugar para o Homem, nem, quiçá, para as próprias bestas.

● Chegaram as primeiras chuvas outonais. Como de costume apareceram já os pedidos de guarda-chuvas. Eles são cerca de 30 a estudar ou a trabalhar fora. Já agora, porque

nos é solicitado, aqui vai o apelo do jovem encarregado do pelouro dos sapatos: «Não há calçado para os miúdos» (entre os 5 e os 12 anos). Os Leitores tomem nota da direcção e façam suas as necessidades apontadas, já que outras, e bem maiores, as reservamos para nós. Bem hajam.

Casa do Gaiato de Lisboa — S.to Antão do Tojal — 2670 Loures.

Padre Luiz

## Reflectindo

Dizia-me alguém, há pouco, que os pais do nosso País vivem assustados com o futuro de seus filhos. Assim é na verdade. Esta realidade que se deduz de todas as dificuldades que têm que enfrentar todos aqueles que se preparam para a vida, deveria ser motivadora de caminhos construtivos. As fracas perspectivas de emprego, as limitações habitacionais inseridas num aumento do custo de vida que diminui constantemente a esperança de melhores dias, são um conjunto de circunstâncias que, longe de serem um incentivo, são antes um convite à irresponsabilidade, ao desregramento e à tentação de se procurarem situações que ajudem o esquecimento, através de fugas à realidade.

O que acima fica dito tem consequências que poderão ser dramáticas porque as marcas deixadas em cada um, por vivências destrutivas no período da juventude, não deixarão de dar os seus frutos no andar do tempo.

Neste período em que se terão que escolher os caminhos por onde teremos que andar, em que cada um dos portugueses tem que optar, afirmar a sua opinião sobre a marcha do País onde vive, deveria ser um período de consciencialização profunda da situação crítica que atravessamos.

As Casas do Gaiato são o resultado e um sinal do nível de educação global do nosso Povo. Se alguns dos nossos rapazes estão connosco devido às limitações económicas em que vivem as suas famílias, a maior parte são o resultado do alcoolismo, do desregramento moral, de famílias sem consistência, de todo um emaranhado de razões que tem a sua raiz numa sociedade que desampara os seus filhos. Assim tem sido e que razões temos para esperar que não continue a ser?

Depois de um largo período de esquecimento dos Pobres, depois de tanto se falar na injustiça que é esse esqueci-

mento, viramos para um período de controvérsias, de becos sem saída, de desencontros negativos e destruidores.

Entretanto, os Pobres continuam a ser as vítimas, a sofrer no dia-a-dia a cruz da sua situação de desfavorecidos.

Penso que ajudaria muito aqueles que têm responsabilidades grandes no nosso País, se fizessem a experiência de comungar as marcas deixadas nos nossos rapazes pelo sofrimento que a vida lhes trouxe, com as suas famílias desfeitas e incapazes de terem sido para eles o amparo natural. As lágrimas ao chegar aqui, por uma mudança radical de ambiente, o desgosto que vai crescendo à medida que cresce a consciência das falhas daqueles que lhes deram a vida, a sua afectividade dorida por tantas razões... Tudo isto são acusações vivas, são os gritos mudos dos Pobres.

Ontem, no recreio da Escola, fui encontrar o último rapaz que chegou aqui... Sentado nos degraus de pedra, a cabeça vergada, chorava. Cortava o coração. Chamei-o.

— Quero ir para a minha terra!

Não parava de chorar. Disse-lhe:

— Ouve-me. O que tenho a dizer-te é difícil para ti, mas precisas de o saber. Vieste para aqui porque na tua terra não tinhas ninguém para cuidar de ti. Procura ser nosso amigo e vais ver que daqui a pouco tempo já gostarás de estar connosco.

Parou de chorar. Saiu mais

sereno. É pequeno. Não compreendeu o alcance do que eu lhe disse. Para ele o que contou foi ouvir uma palavra amiga. Mas, na verdade, o que eu lhe pedi, foi que comesse a aceitar, a partir de hoje e para toda a vida, que um dia teve que sair da sua terra, sózinho, sem trazer ninguém consigo... e ir para outro lugar, porque lá não tinha quem pudesse cuidar dele.

É um preço elevado o que ele tem que pagar à vida. Não será?

Padre Abel

## Uma Carta

É uma carta de V. N. de Gaia. Ora leiam:

«Venho apenas hoje, e já muito atrasada, enviar o pagamento da assinatura do nosso jornal O GAIATO que entra regularmente nesta casa trazendo aspectos novos de um mundo nem sempre renovado.

Contudo, creio também que só o amor e a doação de si próprio são capazes de criar esse tal mundo novo pelo qual tanto ansiamos. E O GAIATO traz-nos muitas vezes essa convicção e a certeza de que é esse o caminho para a autêntica felicidade e para uma vida mais autêntica e humana.

Por tudo isso nós agradecemos a O GAIATO pela obra que construis e viveis dia-a-dia. Coragem e boa sorte é, pois, o que vos desejo do fundo do coração.»

## Rasteiras

Não vou dizer aqui da degradação de muitos serviços públicos, mistos e (talvez por contágio...) privados. Não vou queixar-me de que na era dos ultra-sons, uma carta demore frequentemente oito dias de Lisboa aqui e normalmente três a quatro. Não vou surpreender-me com «o carro à frente dos bois» de um código postal aplicado a centros teóricos onde ainda não há estruturas de distribuição, do que resulta maior rapidez com endereços à moda antiga do que nova. Não vou protestar porque, depois de um quarto de hora à espera do 08 a responder... sem atendimento de ninguém, tendo perguntado ao 12 se aquele serviço de apoio às «dificuldades na obtenção de comunicações inter-urbanas automáticas (grátis)» ainda existia, tive como resposta: — «O serviço é muito; o pessoal é pouco; não pode ser de outra maneira». Não vou admirar-me de que, de tão proibitivo o preço de um telefonema que ele se tornou luxo de recurso só nas urgências, esperar com muita paciência seja o remédio fatal.

Sómente aceito espantar-me e me permito lastimar (sempre me acharia em tal direito e com maioria de razão nestes tempos!) que, sem prévio e notório conhecimento do Povo, através dos meios de comunicação social para aqueles que os contactam e com o tempo necessário à chegada da notícia, de boca em boca, àquela grande parte do Povo que os não contacta, se tenha subido a tarifa postal de um dia para o outro. E não sei como classificar as multas que imediatamente se aplicaram, de modo mais benévolo do que de assalto moralmente violento (porque pelas costas!) à carteira do passivo e pacífico cidadão.

Padre Carlos



Director: Padre Carlos      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 37.000 exemplares